

Parte da arte sacra recuperada e restaurada apenas em oito anos, exposta num dos sectores do Museu de Mértola



Valiosa arte sacra enriquece o museu

No Museu de Mértola, localizado no edifício de uma velha igreja da parte velha da vila, no espaço onde funcionou a sacristia, encontram-se expostas inúmeras peças de estatuária sacra do Baixo Alentejo, de grande valor artístico e histórico. Todas elas foram recuperadas e restauradas na própria localidade, nos laboratórios do Campo Arqueológico de Mértola.

Imagens de devoção com séculos de existência, receberam ao longo dos tempos novas pinturas, umas vezes em compreensíveis trabalhos de restauração, outras vezes apenas por secular costume ligado ao pagamento de promessas.

Era hábito nos tempos que já lá vão, e hoje ainda é prática corrente em algumas regiões do interior do País, fazer oferta de um "Santinho" em troca de um favor divino; que tanto podia ser a cura de uma doença, o regresso de um ente querido, ou a resolução de um preocupante problema. O devoto, embalado pela fé, adquiria a imagem sempre por alto preço, e mandava-a alindar com novas tintas e vernizes, nem sempre de bom gosto, desvalorizando-a, frequentemente.

Algumas das imagens que se encontram expostas em Mértola recuperaram a sua original pintura depois de moroso trabalho, ou ficaram com a capa de linta que se encontrava em melhor estado. Toda esta valiosa coleção de estatuária sacra do Baixo Alentejo foi recuperada nos últimos oito anos, segundo nos referiu Cláudio Torres, responsável pela Divisão Cultural da Câmara Municipal de Mértola. E acrescentou a propósito:

Não possuíamos uma única peça sacra. Tudo isto encontrava-se espalhado por diversas residências do concelho, e nos últimos oito anos temos levado a cabo um trabalho de pesquisa, que conduziu à descoberta de peças de grande valor, que são exactamente as que aqui se encontram expostas e que formam já um interessante espólio.

O trabalho laboratorial

Algumas das peças reunidas são totalmente decaídas, em tão mau estado foram encontradas, algumas delas abandonadas durante gerações em sótãos, de mistura com outras velharias. O trabalho de recuperação é completamente executado no laboratório do Campo Arqueológico de Mértola, apetrechado para o efeito.

No nosso laboratório é efectuada a desinfectação e consolidação com cera de abelha a policromia da madeira — disse-nos ainda Cláudio Torres, acrescentando:

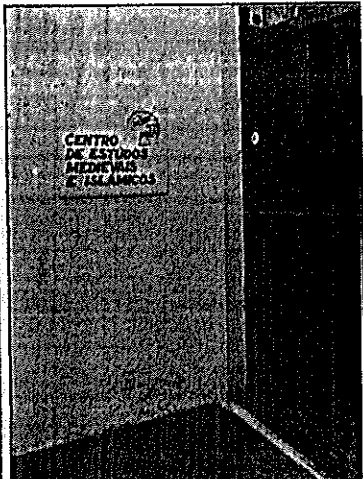
O trabalho é já feito por gente de Mértola, que aqui aprendeu a fazer estas coisas. O espólio é já importante, mas estamos convencidos que muitas valiosas peças ainda se encontram espalhadas pela região, pela estatuária sacra do Baixo Alentejo é numerosa e de valor.

São em número de oitenta as peças expostas, e muitas outras encontram-se ainda em fase de recuperação laboratorial. Mas, segundo nos disse aquele técnico, o trabalho é bastante moroso, leva por vezes anos, e nem todas as peças estão em condições de serem recuperadas.

O que ali existe exposto já atrai visitantes, especialmente gente oriunda do Algarve, que ao Baixo Alentejo se desloca, em excursões, atraída apenas pelo valor histórico do quanto se expõe nos núcleos museológicos de Mértola, vila que é, ela própria, um verdadeiro museu. Mas propagandeado todos estes valores, como agora está a acontecer, mais gente Mértola atrairá. Visitantes não só do País mas, principalmente, do estrangeiro.

Visitar Mértola é marcar encontro com o passado, um passado que ali se veste com as mais diversas roupagens históricas.

Início de Passos



É no Centro de Estudos Medievais e Islâmicos que se encontram os laboratórios do Campo Arqueológico de Mértola, onde as imagens são restauradas



Uma valiosa peça de estatuária sacra, restaurada nos laboratórios do Campo Arqueológico de Mértola

As tradicionais mantas de Serpa, de tecelagem artesanal, quase desaparecidas anos atrás devido à forte concorrência das indústrias têxteis, voltaram a marcar presença naquele concelho. Na pitoresca vila do Baixo Alentejo, que já merece a denominação de Vila-Museu, funciona, desde 1986, uma Escola-Oficina de Tecelagem, que está a atrair razoável número de artesãos. Devido a ela a popular manta, com velha e interessante história, vai voltar a alegrar, com as suas cores tradicionais, os mercados e feiras das quentes localidades banhadas pelo Guadiana.

Os mais antigos recordam os tempos áureos das tecedeiras. Elas, mulheres e moças, ocupando os dias desde o nascer do sol até a noite chegar com os seus teares, vendiam, sem necessidade de intermediários, as mantas, que faziam nas feiras da própria vila de Mértola, ou na do Castro Verde, ou ainda nos mercados da Mina de S. Domingos, localidade que agregava o grosso da mão de obra concelhia.

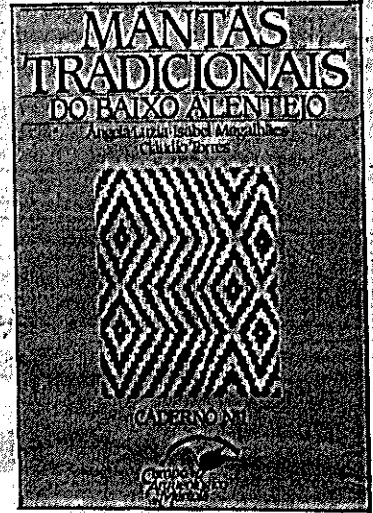
Os mais antigos recordam isso, e não podem deixar de sentir saudades dos velhos tempos, mas os mais novos só agora, e com alguma surpresa, tomam contacto com uma arte que foi factor importante na vida das gerações que os precederam.

A ideia de fazer renascer uma actividade tradicional em decadência não apareceu por geração espontânea. Ela é o resultado de uma aturada investigação e de morosas e trabalhosas pesquisas. Alguns frutos de todo esse labor só agora estão a ser recolhidos.

O início da história foi este: em 1982 um grupo de estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa iniciou o levantamento e inventariação de quanto se encontra ligado, através dos tempos, à tradicional tecelagem do concelho de Mértola, chegando os investigadores à conclusão de que as tecedeiras, que no passado enxameavam as terras mértolenses quase já não existiam, ou, pelo menos, não faziam desse mister a sua profissão.

Os resultados desse trabalho foram publicados dois anos depois, no caderno "Mantas Tradicionais do Baixo Alentejo", editado pelo Campo Arqueológico de Mértola. As autoras do livro foram

NÃO HÁ F ÀS VELHA



Foi este livro, editado pelo Campo Arqueológico de Mértola, que despoletou o ressurgimento da tecelagem tradicional na Vila-Museu

Angela Luzia, Isabel Magalhães e Cláudio Torres.

Qualquer deles não escondeu o seu pessimismo e afirmaram, com alementos indementíveis, que apenas existiam em todo o concelho de Mértola, o terceiro maior do País, vinte e cinco tecedeiras, e todas elas produzindo as suas mantas como actividade secundária, deslinando o produto do seu trabalho ao seu próprio lar ou a prévias encomendas.

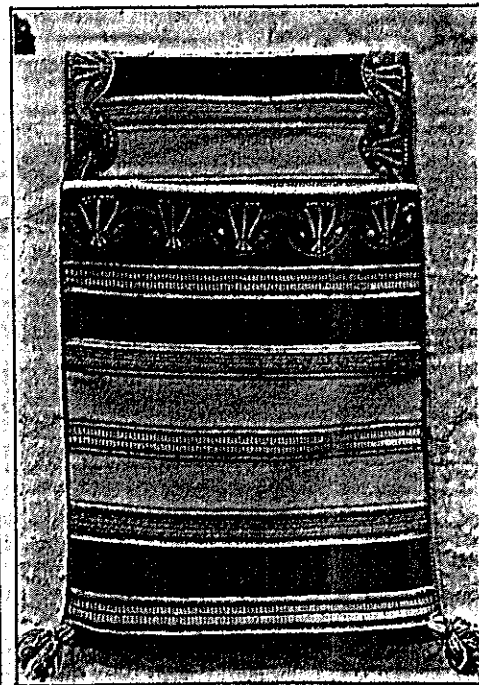
Salvar a tradição a todo o custo

O pessimismo, dos investigadores tinha razão de ser, mas qualquer deles sabia que era

necessário salvar uma das mais gratas tradições concelhias, se do necessário para o efeito em iniciativas capazes de atrair camadas juvenis locais para tecelagem praticada pelos seus avós.

Angela Luzia e Isabel Magalhães, que calorrearam o concelho, ultrapassando por vezes seus limites, por a tecelagem "perseguiram" ser comum a diversas comunidades do interior sul alentejano e da zona serra algarvia, não esqueceram conclusões pessimistas a que chegaram, e num livro que publicaram lê-se o seguinte:

A tecelagem hoje é apenas uma sobrevivência do que tempos foi, indiscutivelmente uma necessidade e um ganho. Hoje, dado o escassear



Alforge com tecido de manta às riscas e bordado